

**UMA GEOGRAFIA DO MANGUE: MOVIMENTO MANGUEBIT, JOSUÉ DE
CASTRO E NEOREGIONALISMO**

A MANGROVE GEOGRAPHY: MANGUEBIT MOVEMENT, JOSUÉ DE CASTRO
AND NEOREGIONALISM

Bruno Picchi

Graduando em Geografia pela Universidade Estadual

Paulista (UNESP), Campus de Rio Claro.

Avenida 22-a, 527, Vila Indaiá

CEP 13506-705 Rio Claro – SP Brasil

picchigeo@uol.com.br

Resumo: O presente trabalho é o estudo da nova manifestação cultural regional ocorrida a partir da década de 1990, na cidade de Recife, conhecida como movimento Manguebit. As letras das músicas referente às bandas Chico Science e Nação Zumbi e Mundo Livre S/A, as modificações na cultura regional e a nova dinâmica urbana de Recife serviram como objeto de análise, tendo como base as obras de Josué de Castro sobre o conceito de homem-caranguejo para resultar na proposição de uma nova terminologia em Geografia Regional e Cultural, o Neoregionalismo.

Palavras-chave: cultura pop, movimento Manguebit, Josué de Castro, homem-caranguejo, Geografia Regional.

Abstract: The present article is the study of a new regional cultural manifestation in progress since the 1990's, in the city of Recife, known as the Manguebit movement. The lyrics of Chico Science e Nação Zumbi, and Mundo Livre S/A bands, the regional culture changes and the new urban dynamic of Recife served as an analysis object, based on works of Josué de Castro on the concept of crab men that resulted in the proposal of a new term in Regional and Cultural Geography, the Neoregionalism.

Keywords: pop culture, Manguebit movement, Josué de Castro, crab man, Regional Geography.

Introdução

Uma urbe afundada por sucessivas crises econômicas, estagnação, e uma permanência do posto de “metrópole”, a cidade do Recife chegou a ser considerada, nos anos 1990, a quarta pior cidade do mundo para se morar.¹ Com a cena cultural também deprimida, nessa mesma década, tendo como objetivo de tirar a cidade do Recife do marasmo cultural, um grupo de pessoas começou a pensar e articular uma solução baseada na idéia de produção cultural própria, inédita, tendo como referências os ritmos e símbolos da cultura pernambucana sob a ótica da estética pós-modernista. Resultado: o Manguebit.

Pela razão da publicação de um documento na imprensa do Recife, intitulado “Manifesto Caranguejos com Cérebro”, essa nova expressão cultural acabou por ser intitulada como “movimento”, aos moldes do movimento Modernista da semana de 22.

Além de ter recolocado o Estado de Pernambuco novamente como grande referência na produção cultural, significantes mudanças ocorreram na dinâmica urbana da cidade do Recife, assim como em suas representações simbólicas, determinantes na construção de uma identidade regional.

Em relação à questão regional, tratar desse conceito segundo a Geografia Crítica gerou um trabalho que pôde ser visto sob o âmbito da Geografia Cultural. Segundo BEZZI (1996), a região, de acordo com o enfoque, significado, critério e interpretação adotada pelos seus autores, assumem distintas formas de conceituação.² Em relação à abordagem em Geografia Cultural, trata-se de um novo “eixo” que traz em seu bojo preocupações com a questão regional e pode ser considerada como alternativa recente para a compreensão do conceito de região.³

Metodologia

A cena cultural batizada como movimento Manguebit tem trabalhos científicos nas áreas de Sociologia e Comunicação em sua maioria. O artigo de MELO FILHO (2003) foi a referência principal sobre a releitura da metáfora “homem-caranguejo”, criada por Josué

¹ SHARP, D. B. *A Satellite Dish in the Shantytown Swamps: Musical Hybridity in the 'New Scene' of Recife, Pernambuco, Brazil*. 2001. p. 20.

² BEZZI, M. L. *Região: Uma (Re)visão Historiográfica – Da Gênese aos Novos Paradigmas*. 1996. p. 233.

³ Idem. p. 234.

de Castro para designar uma “nova espécie de homem” que habitava os mangues, fazendo referência à hipótese homem-gabiru e da personificação caranguejo-com-cérebro.

Foi utilizado como pressuposto teórico a abordagem em Geografia Regional dando enfoque ao Regionalismo, com CASTRO (1992) e IANNI (1999), sendo BEZZI (1996) o elo com a Geografia Cultural. Com isso, as letras de músicas acabaram sendo destaque enquanto objeto de análise para a construção do termo Neoregionalismo.

O Movimento Manguebit

“É nossa responsabilidade resgatar os ritmos da região e incrementá-los junto com a visão pop. Eu vou além”.

Chico Science

O movimento Manguebit é algo essencialmente ligado à cultura pop. Originalmente, o termo e o estilo surgiram das experiências da Pop Art, reveladas na década de quarenta por seu vanguardista mais conhecido, Andy Warhol. Preocupada em apresentar o cotidiano no mundo contemporâneo, a cultura pop e suas definições integram o que se convencionou chamar de pós-modernismo.⁴

As bandas Chico Science e Nação Zumbi (CSNZ) e Mundo Livre S/A, idealizadoras do movimento Manguebit, são frutos de tal vanguarda em terras brasileiras. Apesar de ser a música⁵ o veículo principal, o movimento não se restringiu à apenas uma das Sete Artes:

“(…) Articulando centro e periferia e relacionando de uma nova forma cultura popular e cultura pop, o conceito manguebeat que começou na música e depois passou a influenciar outros setores da cultura, teve projeção inédita”.⁶

Essa nova expressão cultural, que busca elementos “contemporâneos”, como a globalização, identidades culturais, intertextualidade, desconstrução, hibridez, pluralismo, pode ser observada numa escala global de acontecimentos.

⁴ LEÃO, C. C. *A MARAVILHA MUTANTE – Batuque, sampler e pop no Recife dos anos 90*. 2002, p. 1

⁵ “Musicalmente, o pop surge com o rock que, diferente de outras formas culturais que tiveram uma história de períodos precedentes, pertencem essencialmente ao mundo contemporâneo.” Idem, p. 3

⁶ FONSECA, N. A. *O Manguebeat como Política de Representação*. 2005. p.1

A Mundo Livre S/A surgiu em 1984, oriunda de restos das bandas punks *Trapaça*, *Serviço Sujo* e *101*. O nome foi extraído do personagem de TV *Agente 86*, que fazia diversas apologias ao mundo livre. Inicialmente uma recriação do punk rock com inserções de guitarra baiana, em sua segunda fase a banda introduziu o maracatu, o samba, Jorge Benjor e diversas experimentações em seu som. Porém, foi somente após a propagação do movimento Manguembit pelo Brasil, no começo dos anos 90, que a Mundo Livre S/A pôde sair do anonimato. Em 94, lançou seu primeiro disco, *Samba Esquema Noise*, que foi bem recebido pela crítica, elogiado pela inusitada mistura de samba, guitarras pesadas e samplers.

Francisco de Assis França, ou mais conhecido como Chico Science, cresceu num bairro pobre da periferia de Olinda, Rio Doce, e cedo começou a frequentar os bailes funk da comunidade, que tocava soul, funk e hip-hop. Em 1984, se juntou ao grupo de break chamado *Legião Hip Hop*, e alguns anos depois, em 1989, Chico começou a mudar de dançarino de break para cantor e compositor, junto com seus amigos Lúcio Maia (tocando guitarra) e Alexandre Dengue (baixo). Maia e Dengue eram simpatizantes de rock no momento, e, em sua banda, chamada *Louстал*, começaram a absorver batidas e ritmos dos anos 60, ao estilo da Black music.

No início da década de 1990, Fred (agora Zero Quatro) e Renato L. organizaram juntamente com Chico o festival “Viagem ao Centro do Mangue” que incluía, além de show com as bandas Mundo Livre S/A, Louстал e Lamento Negro, toda a diversidade do pop representada pelo mix de punk, hip hop e cultura popular que posteriormente seria classificada de manguembit ou manguembeat, ambos relacionados ao conceito de movimento e batida⁷.

A história do Manguembit e da formação do grupo Chico Science e Nação Zumbi (CSNZ), começa a se definir em 1991. Francisco França juntou-se ao grupo de samba-reggae Lamento Negro e desenvolve o projeto conceitual do grupo CSNZ: tocar ritmos ligados à musicalidade pernambucana paralelamente às expressões do pop norte-americano como o funk e o hip-hop. Em 1991, Francisco França é “rebatizado”, sendo agora Chico Science.

Para LEÃO (2002):

⁷ LEÃO, 2002. p. 6-7

“Da fusão de ritmos regionais (maracatu, samba, coco, ciranda) com o pop (funk, rock, soul, black, hip hop, punk), desenvolve-se essa síntese musical que expõem um tipo de sincretismo de ritmos e a interação deles com as diversas culturas do globo. O tambor tribal se junta à guitarra e aos amplificadores norte-americanos. A releitura de ritmos regionais, conceitos e idéias pop não se manifesta de forma passiva. A tentativa de universalizar esses elementos nacionais, com o intuito de mostrar e criar uma nova cena para o mundo, conectando o Brasil com o cenário pop mundial, estabelece um diálogo com as manifestações artísticas que trouxeram à tona um Brasil cosmopolita como o Movimento Antropofágico e a Tropicália”.⁸

Como foi observado, adotei a terminologia MANGUEBIT para discorrer sobre o tema. Apesar de ser um problema de simples ortografia, Manguebit, Manguebeat e Mangue Beat disputam até hoje um incerto lugar na imprensa e em trabalhos científicos sobre o tema. Originalmente, o nome correto é Manguebit, como uma apropriação do mundo da informática como chips e bit, colocando-as em interação com as do ecossistema manguezal.⁹ Manguebeat ou Mangue Beat foram adotados pela imprensa como uma alusão à batida (beat) ritmada, forte, característica das músicas do movimento.

Em 1992, Fred Zero Quatro e Renato Lins redigem um documento que procura sintetizar as idéias dessa nova geração de artistas. Intitulado “Caranguejos com Cérebro”, o *press release* logo se transformou em “manifesto”, através da crítica musical (principalmente pelo Jornal do Commercio – PE) e chegou aos jornalistas causando grande euforia na imprensa pernambucana.¹⁰ Foi por causa do formato desse *release* diante da mídia que as músicas e idéias do Manguebit assumiram um caráter de “movimento”:

O documento se divide em três partes: Mangue – o conceito, sendo uma pequena lição científica sobre o ecossistema do mangue; Manguetown – A cidade, aspectos da geografia da cidade do Recife, construída sobre a lama dos manguezais, sendo também

⁸ LEÃO, 2002. p. 8-9.

⁹ MORAIS DE SOUZA, C. “Da Lama ao Caos”: *Diversidade, diferença e identidade cultural na cena Mangue do Recife*. 2001. p. 3.

¹⁰ LEÃO, 2002. p. 9.

uma crítica ao sistema econômico capitalista; e Mangue – a cena, terceira e última parte, que em tom de urgência, explicita os objetivos e metas do movimento para Recife.

O documento toma o ecossistema da cidade como metáfora e subverte os seus princípios ecológicos ao desgaste físico e cultural da metrópole recifense.¹¹ Esse desgaste físico e cultural é o principal desafio para a imaginação e produção Manguebit, tendo uma “antena parabólica enfiada na lama dos manguezais” como imagem símbolo, capaz de captar os conceitos pop, o que seria capaz de tirar Recife da situação de inércia.¹²

O movimento Manguebit gerou modificações na cultura regional, até então arraigadas às estratégias culturais que buscavam preservar a “pureza” da cultura pernambucana, pois por quase todo o século XX a produção cultural estava voltada para dentro, ou seja, apenas valorizar as raízes da cultura nordestina, o que acarretou em um longo período com poucas mudanças. As principais tendências que surgiram durante tal período foram o Regionalismo e o movimento Armorial.¹³

“O Regionalismo surgiu no início do século com intenção de desenvolver o sentimento de unidade do Nordeste dentro dos novos valores modernistas, pregando a conservação do valores tradicionais. Essa tendência sempre foi alimentada (e até hoje, em parte o é) pelas políticas oficiais de incentivo à produção cultural no Estado. Em torno da intenção de unificação, se aglomeravam diversos intelectuais que acreditavam no Regionalismo como uma maneira de não perder de vista as raízes culturais em meio às tendência modernistas.”¹⁴

A Manguetown

Veneza brasileira, MauritsStadt (cidade maurícia ,em holandês), Manguetown. São vários os nomes referentes à cidade do Recife, a Cidade Estuário:

¹¹ LEÃO, 2002. p. 9-10

¹² MORAIS DE SOUZA, 2001. p. 4

¹³ FONSECA, 2005. p. 3

¹⁴ Idem. p. 3-4

*Maternidade / Salinidade / Diversidade / Fertilidade /
Produtividade
Mangue...
Recife-cidade-estuário / Recife-cidade
Maternidade / Salinidade / Diversidade / Fertilidade /
Produtividade
Mangue...
Água salobra desova e criação
Matéria orgânica da qual vem produção / produção
Recife cidade estuário, és tu
Recife cidade...
O mangue injeta / alimenta, abastece / recarrega as baterias da
beleza
Esclerosada, distituída / debalterada, engrudecida
O mangue injeta / alimenta, abastece / recarrega as baterias da
beleza
Esclerosada, distituída / debalterada, engrudecida
Mangue, mangue town / cidade complexo / caos portuário
Mangue, mangue town / berçário, caos/ cidade estuário
cidade estuário...
(Fred Zero Quatro, *Cidade Estuário*, 1994)*

Pode-se observar, segundo a leitura de Fred 04, uma comparação do Recife com o ecossistema manguezal. Porém, as palavras que fazem referência ao mangue são ambíguas, como diversidade, que pode ser tanto em relação à diversidade de espécies que habitam os estuários, quanto diversidade musical, cultural; fertilidade e produtividade, sendo produtividade de novas culturas através de um terreno fértil, propício para o desenvolvimento. Também há a ênfase ao mangue, à lama do mangue, como recurso captador de energias.

Em relação às mudanças no re/uso da estrutura urbana do Recife, o centro antigo, conhecido como Bairro, foi cenário de uma revolução estética e de valorização urbana, causados pelo movimento Manguebit. Segundo LEITE (2002), “Foi no velho bairro

portuário, com sua má fama de local abandonado, perigoso, boêmio e marginal, que se iniciou uma das ricas inovações musicais, culturais e comportamentais do Pernambuco. Refiro-me ao movimento Manguebit (...).¹⁵

*“É só uma cabeça equilibrada em cima do corpo
Escutando o som das vitrolas, que vem dos mocambos
Entulhados a beira do Capibaribe
Na quarta pior cidade do mundo
Recife, cidade do mangue
Incrustada na lama dos manguezais
Onde estão os homens caranguejos ?
Minha corda costuma sair de andada
No meio da rua em cima das pontes
É só uma cabeça equilibrada em cima do corpo
Procurando antenar boas vibrações
Procurando antenar boa diversão
Sou Mangueboy !
Recife, cidade do mangue
Onde a lama é a irresureição
Onde estão os homens caranguejos?
Minha corda costuma sair de andada
No meio da rua em cima das pontes
É só equilibrar sua cabeça em cima do corpo
Procure antenar boas vibrações
Procure antenar boa diversão/
Sou Mangueboy !”*
(Chico Science, *Antene-se*, 1994)

O local que marcou o início da revalorização do Bairro foi na Rua da Moeda, ou conhecido como o Pólo Moeda. Atualmente existe uma estátua de bronze de Chico Science na Rua da Moeda, assim como mais 11 estátuas de personalidades da cultura

¹⁵ LEITE, R. P. *Contra-usos e espaço público: notas sobre a construção social dos lugares na Manguetown*. 2002. p. 11

Pernambucana, entre eles Manuel Bandeira, espalhadas pelo centro da cidade. Além de ter sido o cenário escolhido para as festas *Mangue* do começo da década de 1990, segundo LEITE (2002), o surgimento do pólo Moeda deveu-se muito à iniciativa de Roger de Renoar, empresário e animador cultural:

“(…), Roger criou no Bairro do Pina (na Praia de Boa Viagem) uma soparia que foi o “mais mangue dos pólos recifenses” (Teles, 2000, / 305 in LEITE, 2002/11). A soparia virou ponto de encontro dos *mangueboys* e parada obrigatória para o circuito alternativo da noite recifense. (...) Sua ida para a Rua da Moeda, onde abriu o famoso Pina de Copacabana, mudou a paisagem do local”.¹⁶

Em uma entrevista realizada com Roger, ele reafirma a relação de revalorização e transformação no uso do centro de Recife após a criação e difusão do movimento Manguêbit. Com a noção de estar voltando a ser mais freqüentado, que acarretou a ampliação de bares e comércio, a prefeitura também voltou seus olhares ao Bairro:

“(…) Coincidiu que, minha vinda para cá coincidiu também com a história do investimento que a prefeitura fez, que não é nada boba, depois que Chico morreu, se passou a olhar para esse lado comercial e o lado positivo da história, o lado lucrativo da história do Manguêbit”.¹⁷

Josué de Castro

Geógrafo e Médico recifense, Josué de Castro nasceu na cidade do Recife no dia 5 de setembro de 1908. Com apenas 21 anos concluiu o curso superior de Medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Três anos depois, em 1932, torna-se livre-docente em fisiologia da Faculdade de Medicina do Recife com a tese “O problema fisiológico da alimentação no Brasil”, tese que já indica sobre qual importância o autor atribuiu no campo da nutrição, o que caracterizará toda sua obra.

Em 1935 se muda para o Rio de Janeiro, assumindo a cátedra de Antropologia da antiga Universidade do Distrito Federal e em 1940 se torna professor catedrático de

¹⁶ Idem. p. 11

¹⁷ Ib Idem. p. 11

Geografia Humana na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil. Neste período publicou “A Alimentação Brasileira à Luz da Geografia Humana” em 1937, sendo esta publicação a primeira na qual Josué de Castro se posiciona claramente em favor do “método geográfico”. Em 1946, publicou “Geografia da Fome”, uma de suas obras mais conhecidas e elogiadas.

Em decorrência do golpe militar em 1964, que depôs o presidente João Goulart, eleito democraticamente, os militares cassam os direitos políticos de Josué de Castro. No dia 24 de setembro de 1973, exilado na França, faleceu precocemente aos 65 anos. Uma semana antes, havia pedido mais uma vez o seu direito ao passaporte brasileiro, sendo negado. Voltou morto, sendo enterrado no Rio de Janeiro, ainda censurado e vigiado.¹⁸

O possibilismo de Jean Brunhes e Vidal de La Blache, mais profundamente divulgados no Brasil, a partir dos anos 30, com a vinda dos geógrafos franceses, influencia fortemente a obra de Josué de Castro. O autor faz referência direta a essa influência em seus trabalhos e demonstra sua filiação a essa corrente ao aceitar a conjugação de diferentes fatores – étnicos, econômicos, históricos, naturais – na sua análise da realidade, voltadas, antes de tudo, para os problemas sociais e econômicos causadores da fome.¹⁹

Defendia que, ao estudar cientificamente o fenômeno da fome, diante da vastidão do problema, era necessária uma abordagem multidisciplinar:

“Assim, sendo este um problema de tão grande interesse vital para as nações, para que se obtenha um profícuo conhecimento de sua essência é necessário recorrer-se aos princípios científicos de múltiplas disciplinas. Para ser estabelecida uma alimentação racional fundada sobre princípios rigorosamente científicos, alimentação que constitui a necessidade mais premente da vida e condição essencial para uma eficaz atividade produtiva de um povo, numa determinada região, são precisos, de um lado, estudos aprofundados da fisiologia da nutrição, dos caracteres físicos e morais do povo dessa região, de sua evolução demográfica, de sua capacidade e resistência orgânicas e de outro lado, estudo das condições físicas do meio, das suas

¹⁸ *Ib Idem.* p. 17-18

¹⁹ *Ib Idem.* p. ii

condições econômicas, da organização social e dos gêneros de vida dos seus habitantes. Abarca, assim, o estudo da alimentação, capítulos de biologia, de antropologia, física e cultural, de etnogeografia, biologia, de patologia, de sociologia, de economia política e mesmo de história.”²⁰

Diante de tal complexidade, julga que o único método eficaz de análise sobre a questão, seria o método geográfico:

“Não o método puramente descritivo da antiga geografia, velha como o mundo, más o método da ciência geográfica que é nova, que é quase dos nossos dias. Que se corporificou dentro dos princípios científicos formulados pelas experiências de geógrafos como Karl Ritter, Humboldt, Ratzel e Vidal de La Blache”²¹

A base da definição de método de Josué de Castro está nos quatro “princípios geográficos” que podem ser notados em toda sua obra:

“ Só a Geografia, que considera a Terra como um todo, e que ensina a saber ver os fenômenos que se passam em sua superfície, a observá-los, agrupa-los e classifica-los, tendo em vista a sua localização, extensão, coordenação e causalidade, - pode orientar o espírito humano na análise do vasto problema da alimentação, como um fenômeno ligado, através de influências recíprocas, à ação do homem, do solo, do clima, da vegetação e do horizonte de trabalho.”²²

Homem-Caranguejo

“Os mangues do Capibaribe são paraíso do caranguejo. Se a terra foi feita pro homem, com tudo para bem servi-lo, o mangue foi feito especialmente para o caranguejo. Tudo aí, é, foi, ou está para o caranguejo, inclusive a lama e o homem que vive nela. A lama misturada com urina, excremento e outros resíduos que a maré traz, quando ainda não é caranguejo, vai ser. O caranguejo nasce nela, vive nela. Cresce comendo lama,

²⁰ CASTRO, J. *A Alimentação Brasileira à Luz da Geografia Humana*. 1937. p. 22

²¹ Idem. p. 24-25

²² Ib idem. p. 25-26

engordando com as porcarias dela, fazendo com lama a carinha branca de suas patas e a geléia esverdeada de suas vísceras pegajosas. Por outro lado, o povo daí vive de pegar caranguejo, chupar-lhe as patas, comer e lamber os seus cascos até que fiquem limpos como um copo. E com sua carne feita de lama fazem a carne de seu corpo e a carne do corpo de seus filhos”.

(Josué de Castro. *O Ciclo do Caranguejo*. 1937)

Segundo MELO FILHO²³, na década de 1990, vem à tona o resultado de duas novas leituras da obra de Josué de Castro. Mudanças ocorridas no espaço urbano, guiadas pela lógica capitalista, aterram os mangues. O homem do campo, expulso de sua terra pelo latifúndio, sai do manguê e vai morar em favelas, transformando-se no homem-gabiru:

“O homem-caranguejo fora substituído pelo homem-gabiru, (...) porque, saindo do manguê, ele foi viver em tocas, em morros, em casebres e em velhos sobrados abandonados, fugindo ao convívio dos seus semelhantes, enxotado e detestado por ele, vendo-se privado de seu principal alimento (*o caranguejo*)²⁴. O olhar que observa é de ódio e de medo, mas o medo é recíproco, o pobre, o miserável, passou a se tornar agressivo, porque sai de seu esconderijo para procurar o alimento nas ruas, nos depósitos de lixo ou para roubá-lo dos transeuntes menos prevenidos; tornou-se um rebotalho social, perdeu cidadania, o respeito próprio e se animalizou, sem que o poder público tivesse o menos interesse por ele. Daí o homem-gabiru que come restos – quando come – esconder-se dos outros homens e não ter alternativa no meio em que vive.”²⁵

Os homens-gabiru vivem do lixo, pedem esmolas, causam repugnância. Em relação ao posicionamento do poder público, na letra de Fred Zero Quatro as autoridades, perplexas com esse “fenômeno social”, decidem tomar providências que refletem seu total descaso :

*Isso é o que dá viver catando lixo
Que falta de educação, mané*

²³ MELO FILHO, D. A. *Manguê, homens e caranguejos em Josué de Castro: significados e ressonâncias*. 2003. p. 515.

²⁴ Grifo meu

²⁵ ANDRADE, 1992. p. 11 apud MELO FILHO, 2003. p. 516

*Que tal criar vergonha, quem já viu ser
Transportadora de bicho de pé
Na secretaria há uma enorme preocupação
Com uma nova epidemia que ameaça a população
Pois um infeliz parece um mutante
Quando ele anda o que se vê
Segundo a secretaria faz dó
O pobre é uma malha ferroviária ambulante
Refrão
Sua excelência o prefeito homem de coração
Se declarou perplexo e horrorizado
Tanto que já mandou tomar providencias
Todo lixão será protegido por vigilantes armados
Que vão entregar cartilhas aos pés inchados
(Fred Zero Quatro, *Édipo, o homem que virou veículo*, 1998)*

A nova metáfora homem-gabiru constitui uma hipérbole da metáfora original homem-caranguejo, pois o mangue “transbordou”, “ganhou o asfalto” e, por isso, o “homem-caranguejo transmutou-se em homem-gabiru”.²⁶

A música *Da Lama ao Caos*, de Chico Science, reforça a existência da hipérbole, podendo-se ver também à luz da sociologia, da economia ou da epidemiologia.²⁷

*O sol queimou queimou / a lama do rio
Eu vi um chie / Andando devagar
Vi um aratu / Pra lá e pra cá
Vi um caranguejo / Andando pro sul
Saiu do mangue / Virou gabiru
Ô Josué eu nunca vi / Tamanha desgraça
Quanto mais miséria tem / Mais urubu ameaça²⁸
Peguei um balaio fui na feira / Robar tomate e cebola*

²⁶ PORTELLA et alii, 1999. p. 19 apud MELO FILHO, 2003. p. 516

²⁷ MELO FILHO, 2003. p. 516

²⁸ Diante de deplorável situação em que se encontra a espécie humana, é evocado Josué de Castro como tentativa desesperada de ajuda (grifo meu).

Ia passando uma veia / Pegou a minha cenoura
Ae minha veia / Deixa a cenoura aí
Com a barriga vazia / Não consigo dormir
E com o bucho mais cheio / Comecei a pensar
Que eu me organizando / Posso desorganizar
Da lama ao caos / Do caos a lama
Um homem roubado / Nunca se engana
(Chico Science, *Da Lama ao Caos*, 1994)

A segunda releitura de Josué de Castro ocorre no âmbito do Movimento Manguebit. Quase vinte anos após sua morte, o mangue é novamente visitado:²⁹

“Já no título do Manifesto, *Caranguejos com Cérebro*, registra-se uma inversão: do homem-caranguejo para caranguejo-homem. Vejam-se os passos dessa transformação. Inicialmente, o homem que vivia com os caranguejos no mangue mimetizou-se, assemelhando-se aos próprios caranguejos (metáfora); posteriormente os caranguejos passaram realmente a constituir a matéria que formava o homem (sinédoque). A exclusão social, hipertrofiando a parte (caranguejo), reforçou a sinédoque: os habitantes do mangue foram desumanizados e transformados em “caranguejos”. Se Josué de Castro vai até aqui, o ideário do Movimento Mangue continua a se transformar. Esse “caranguejos” que foram esquecidos pelo modelo de desenvolvimento excludente, assinala o título *Manifesto*, têm cérebro. Um caso de personificação (transformação do caranguejo em homem) ou de reumanização do que foi desumanizado? A última opção parece mais plausível.”³⁰

Nesse fenômeno de personificação, os caranguejos-com-cérebro também extravasam o manguezal, porém, utilizam-no para conectar com a rede mundial de

²⁹ MELO FILHO, 2003. p. 517.

³⁰ Idem. p. 518.

circulação de conceitos pop através de uma antena parabólica na lama, assim como com suas antenas, provenientes dos caranguejos:

(...) É só uma cabeça equilibrada em cima do corpo

Procurando antenar boas vibrações

Procurando antenar boa diversão

Sou Magueboy !

Recife, cidade do mangue

Onde a lama é a irresureição

Onde estão os homens caranguejos?

Minha corda costuma sair de andada

No meio da rua em cima das pontes

É só equilibrar sua cabeça em cima do corpo

Procure antenar boas vibrações

Procure antenar boa diversão/

Sou Magueboy !”

(Chico Science, *Antene-se*, 1994)

Neoregionalismo

O poder social e político assumem grande importância na delimitação e apropriação do espaço, produzindo o território a partir de referenciais históricos próprios, moldados pelo estabelecimento de limites concretos e sensoriais. Estes vão formar uma “*unidade geográfica, mas também uma unidade social e uma unidade política*”.³¹ Assim, “*a consideração da identidade territorial como elemento importante da região e do regionalismo implica considerar a produção de uma consciência do território*”³², ou seja, a criação de uma identidade regional, ou de um regionalismo (síntese entre espaço vivido e vivenciado)³³, está intrinsecamente ligada a criação de um elo afetivo àquela porção do território.

A construção de uma identidade regional vai resultar em um regionalismo específico produzido pela organização de poder e pelas particularidades da coletividade

³¹ CASTRO, I. E. *O mito da necessidade: discurso e prática do regionalismo nordestino*. 1992. p. 29.

³² MORAES, A. C. R. *Ideologias geográficas.*, 1988. p. 78

³³ CASTRO, 1992. p. 37.

regional. Desta forma fusiona-se a representação que cria a noção de região a um interesse que se generaliza nesta respectiva abrangência territorial.

Assim, estão estreitamente ligados: identidade, regionalismo e uma forma hegemônica de dominação social. É importante ressaltar que essa “forma hegemônica de dominação social” não significa, necessariamente, uma dominação de esferas política e econômica. Porém, no caso da região Nordeste, este sentimento de pertença é constituído sob este respaldo, sendo uma elite dominante que define tanto o caráter regional como a projeção de sua imagem.

“Tanto há a necessidade da criação do consenso por parte de uma elite, como há a aceitação de um sentimento de pertença por uma determinada comunidade, assim como também elite e comunidade reproduzem-se através de relações econômicas”.³⁴

O regionalismo é parte de uma realidade pertinente à relação da sociedade com o território. Constituindo-se em uma forma de manifestação do interesse de uma comunidade em relação ao recorte territorial.

As representações simbólicas atribuídas a um determinado território são determinantes na construção de uma identidade regional, que vai resultar em um regionalismo específico produzido pela organização de poder e pelas particularidades da coletividade regional. Segundo Castro (1994), a elite se apropria destes símbolos, reelaborando-os ideologicamente na identidade regional, conferindo visibilidade e valor simbólico aos traços singulares da sociedade local. O regionalismo justifica um processo de transformação do espaço através da expressão política de grupos dominantes, pretendendo defender seus interesses e fortalecer o território em detrimento da interferência estatal e das exigências e determinações do capital; portanto é um movimento político, porem vinculado à identidade territorial³⁵.

Desta forma é a representação e a materialização identitária que cria, para a geografia cultural, a noção de região, intrínseca a interesses produzidos neste local. Assim,

³⁴ Idem.

³⁵ CASTRO, I. E.. “Visibilidade e Região e do Regionalismo: A Escala Brasileira em Questão”. 1992. p. 164.

estão estreitamente ligados: identidade, regionalismo e uma forma hegemônica de dominação social.³⁶

Atualmente, em um mundo globalizado, está presente a idéia da reconstrução ou de reestruturação da região, cada vez mais heterogênea, diversificada, múltipla em significados; incorporando valores diversos dos seus e fortalecendo paradigmas próprios. Essa visão de região iniciou-se a partir da década de 70 nas análises dos fenômenos regionais da Geografia Crítica, onde a região passa a ser entendida de acordo com três novos paradigmas: como o resultando de diferentes modos de produção existentes numa formação social; como uma determinação local, em que há a integração da região, dos indivíduos e das instituições no tempo e no espaço; e como foco de identificação ou apropriação simbólica do lugar por determinado grupo.³⁷ Este último demonstra que a criação de uma identidade calcada em representações simbólicas próprias aparece como alternativa à necessidade de um fortalecimento das regiões e suas localidades diante do globalismo³⁸.

Esta forma da representação identitária, no caso do movimento Manguébit, não pode ser considerada apenas como um movimento de exaltação regional, pois se da a entender de uma manifestação aos moldes do movimento Armorial e Regionalista. Por se tratar de cultura pós-moderna, a adoção do prefixo “neo”³⁹, junto à terminologia “regionalismo”, é uma proposição tanto para diferenciá-lo de movimentos culturais anteriores, quanto para relacionar o novo termo à uma noção de estética contemporânea.

Uma passagem elucidativa dessa nova concepção de movimento de valorização regional ocorre quando Chico Science sugere, pela fusão de culturas totalmente distintas, que agora é possível ver, por exemplo, caboclos do maracatu rural não mais usando suas sandálias de couro, e sim fazendo seus espetáculos com nikes nos pés.⁴⁰

Além da nova estética, outro fator de diferenciação é que em relação à criação da identidade regional, uma forma hegemônica de dominação social é presente, sendo o caso

³⁶ CASTRO, I. E.; GOMES, Paulo C. C.; CORRÊA, R. L. (orgs). *Brasil: questões atuais da reorganização do Território*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996. p. 83

³⁷ BEZZI, 1996. p. 243

³⁸ IANNI, O. “Nacionalismo, Regionalismo e Globalismo”. In: BOLAÑO, C. R. S. (org). *Globalização e Regionalização das Comunicações*. 1999. p.29.

³⁹ “Neo -”: prefixo grego (néos). Expressa idéia de novo: *neo-árco*, *neofobia*. Dicionário Michaelis Digital.

⁴⁰ LEÃO, 2002. p. 56

nordestino, uma dominação de esferas política e econômica. No movimento Manguebit, se houve uma forma de hegemonia de dominação social, foi por parte de pessoas da classe média e moradores da periferia. Com isso, pela primeira vez na região Nordeste, a elite dominante esteve ausente na construção do caráter regional.

Nas músicas do Manguebit, a exaltação regional se manifesta através do ‘resgate’ de elementos estéticos da cultura nordestina e de referências contraculturais que incluem tanto a marginalidade como os mitos desta no Recife. Mitos urbanos e anti-heróis como ‘Galeguinho do Coque’, ‘Bio do Olho Verde’ e ‘a perna cabeluda’⁴¹, e lendas como Virgulino Lampião e Zumbi, são colocadas ao lado dos Panteras Negras norte-americanos e George W. Bush. O que vem a ser um fato determinante nas sociedades latino-americanas: a colocação da cultura e da identidade nacional dentro de um paradigma cujas próprias barreiras entre localismo e universalismo sejam substituídas por uma expressão lingüística heterogênea.⁴²

*Há um tempo atrás se falava de bandidos
Há um tempo atrás se falava em solução
Há um tempo atrás se falava e progresso
Há um tempo atrás que eu via televisão
Galeguinho do Coque não tinha medo, não tinha
Não tinha medo da perna cabiluda
Biu do olho verde fazia sexo, fazia
Fazia sexo com seu alicate
Oi sobe morro, ladeira córrego, beco, favela
A polícia atrás deles e eles no rabo dela
Acontece hoje e acontecia no sertão
quando um bando de macaco perseguia Lampião
E o que ele falava outros ainda falam*

⁴¹ Galeguinho do Coque e Bio do Olho Verde praticaram crimes em série de abuso sexual contra, respectivamente, mulheres e crianças do sexo masculino. Galeguinho ficou conhecido por violentar suas vítimas utilizando um alicate. A perna cabeluda, uma lenda urbana, foi criação de um radialista de uma rádio de Olinda, aos moldes dos tablóides sensacionalistas britânicos, que tratava de uma perna que andava sozinha acusada de mortes e estupros de mulheres.

⁴² LEÃO, 2002. p. 47

"Eu carrego comigo: coragem, dinheiro e bala"

Em cada morro uma história diferente

Que a polícia mata gente inocente

E quem era inocente hoje já virou bandido

Pra poder comer um pedaço de pão todo fudido

Banditismo por pura maldade

Banditismo por necessidade

(Chico Science, Banditismo por uma Questão de Classe, 1994)

A fusão entre ritmos da cultura regional com elementos da cultura pós-moderna é exaltada na letra da música Etnia, de Chico Science:

Somos todos juntos uma miscigenação

E não podemos fugir da nossa Etnia

Todos juntos uma miscigenação

E não podemos fugir da nossa Etnia

Índios, brancos, negros e mestiços

Nada de errado em seus princípios

O seu e o meu são iguais

Corre nas veias sem parar

Costumes, é folclore, é tradição

Capoeira que rasga o chão

Samba que sai na favela acabada

É hip hop na minha embolada

É povo na arte é arte no povo

E não o povo na arte

De quem faz arte com o povo

Foram atrás de algo que se esconde

*É sempre uma grande mina de conhecimentos e
sentimentos*

Não há mistérios em descobrir

O que você tem e o que você gosta

Não há mistérios em descobrir

O que você é e o que você faz
E o que você faz
Maracatu psicodélico
Capoeira da pesada
Bumba meu rádio
Berimbau elétrico
Frevo, samba e cores
Cores unidas e alegria
Nada de errado em nossa etnia.
(Chico Science, *Etnia*, 1996)

Como se trata de uma cena entrecortada de hibridismos estéticos e culturais, a letra gera até imagens sintéticas, como *Maracatu psicodélico*, *Bumba meu rádio* (em referência ao Bumba meu Boi) e *Berimbau Elétrico*, sendo o último, uma “materialização” dessa experimentação do Manguebit.

“E o manguebit tornou-se um dos componentes da narrativa de uma identidade local. E esse interesse está relacionado à produção de uma determinada identidade cultural representada, com esse projeto, através da conexão dos ritmos que deram visibilidade e projetaram a cidade (*de Recife*) para todo o país.”⁴³

Conclusão

Pensar em cultura do Nordeste hoje sem levar em consideração o papel do movimento Manguebit é ofuscar todo o pensamento de uma geração. A exposição sobre a “nova cena recifense” privilegiou uma abordagem que expusesse uma conexão baseada em três fatores: o Movimento em si, a segunda releitura de Josué de Castro em relação aos homens-caranguejos, e o neoregionalismo como fruto dos anteriores.

Apesar de ter referência no mundo globalizado, quanto à dinâmica de informação e símbolos, não lançou mão de reconhecer sua condição sócio-econômica excludente. O Manguebit pode ser visto como um produto e resposta ao processo de globalização.

⁴³ Idem. p. 18

O que me levou a optar por um “final” através desse novo conceito na ciência regional foi não optar por uma conclusão fechada, pelo contrário, apenas colocar uma proposição nova, que tem um potencial para posterior análise.

Referências Bibliográficas

BEZZI, Meri Lourdes. *Região: Uma (Re)visão Historiográfica – Da Gênese aos Novos Paradigmas*. Tese de Doutorado: Rio Claro, IGCE, 1996. p. 233.

CASTRO, Josué de. *A Alimentação Brasileira à Luz da Geografia Humana*. Porto Alegre: Livraria da Globo. 1937. p. 22

CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs). *Brasil: questões atuais da reorganização do Território*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996. p. 83.

CASTRO, Iná Elias de. *O mito da necessidade: discurso e prática do regionalismo nordestino*. Rio de Janeiro: Bertrand-Brasil, 1992. p. 29.

CASTRO, Iná Elias de. “*Visibilidade e Região e do Regionalismo: A Escala Brasileira em Questão*”. Trabalho apresentado no Seminário: Integração, Região e Regionalismo. São José do Barreiro, ANPUR – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, 1992. p. 164.

FONSECA, Nara Aragão. *O Manguebeat como Política de Representação*. Universidade Federal de Pernambuco. Trabalho apresentado ao NP 21 – Comunicação e Culturas Urbanas, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, 2005. p.1

IANNI, Otávio. “Nacionalismo, Regionalismo e Globalismo”. In: BOLAÑO, C. R. S. (org). *Globalização e Regionalização das Comunicações*. São Paulo: Educ/UFS, 1999. p.29.

- LEÃO, Carolina Carneiro. *A MARAVILHA MUTANTE – Batuque, sampler e pop no Recife dos anos 90*. Dissertação de Mestrado em Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, 2002, p. 1
- LEITE, Rogério Proença. *Contra-usos e espaço público: notas sobre a construção social dos lugares na Mangue town*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 17, n.49. São Paulo, 2002.
- MARCHI, Dorival Donizeti. *O pensamento geográfico de Josué de Castro nas Décadas de 40 e 50: a Fome e a Produção de Alimentos*. Trabalho de Conclusão de Curso. Orientador: Silvio Carlos Bray. IGCE. Rio Claro. 1998. p. 10.
- MELO FILHO, D. A. de. Mangue, homens e caranguejos em Josué de Castro: significados e ressonâncias. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, vol. 10(2): 505-24, mai-ago. 2003. p. 515.
- MORAES, Antonio C. R. *Ideologias geográficas*. São Paulo: Hucitec, 1988 p. 78
- MORAIS DE SOUZA, Cláudio. “*Da Lama ao Caos*”: *Diversidade, diferença e identidade cultural na cena Mangue do Recife*. Universidade Federal de Pernambuco. Informe final del concurso: Culturas e identidades em América Latina y el Caribe. Programa Regional de Becas CLACSO. 2001. p.3.
- Renato L. *MANGUE BEAT – Breve Histórico de seu Nascimento*. - www.manguebit.org.br
- SHARP, Daniel Benson. *A Satellite Dish in the Shantytown Swamps: Musical Hybridity in the ‘New Scene’ of Recife, Pernambuco, Brazil*. Dissertação de Mestrado em Artes, The University of Texas at Austin, EUA, 2001. p. 11-12